

MORTE SECA

Mara Selaibe
Psicanalista membro do Departamento de Psicanálise
do Inst. Sedes Sapientiae onde é também articuladora da área
de Relações Externas do Conselho de Direção (2019/2020)
e delegada na Flappsip.

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Selaibe M. (2020) MORTE SECA
Intercambio Psicoanalítico 11 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.2.1/
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

Mara Selaibe¹

1 Psicanalista membro do Departamento de Psicanálise do Instt. Sedes Sapientiae onde é também articuladora da área de Relações Externas do Conselho de Direção (2019/2020) e delegada na Flappsip.

Enfurnados numa pandemia planetária, estamos em meio a uma ameaça real de morte. Estamos em meio às mortes. Estamos cercados por dados relativos à morte contabilizada nas tabelas e desenhada nos gráficos. E bombardeados pela descrição de um tipo de morte dolorida, sufocante e solitária. Na Itália, uma campanha pela doação de tablets se sustentava no slogan “Direito de dizer adeus”, reduzindo a tragicidade do impedimento a uma despedida real ao direito de encontro virtual para o adeus por imagem. E depois, como se não bastasse, estamos privados das solenidades dos complexos rituais funerários. Velórios só com presença máxima de 10 pessoas, distantes entre si, e que não pertençam ao grupo de risco ou que apresentem qualquer sintoma respiratório; caixão fechado “para evitar qualquer contato com o corpo”...

Desde os Neandertais, há cerca de 300.000 anos, os mortos são objeto de atenção especial. Os homo sapiens jamais deixam de ritualizar a despedida de um ente morto. Trata-se de uma tentativa benigna de processar o luto pela perda significativa. Sem os rituais – não necessariamente, mas também religiosos – como dar expressão ao que não é alcançado pelas palavras diante do real da morte? Como iniciar e prosseguir no trabalho de luto psicológico e social? Em que termos contextualizar a experiência da perda sem o apoio aos enlutados que o coletivo propicia? Os rituais fúnebres implicam reações humanas frente à perda por morte. Disso estamos privados em grande parte. Perde-se uma pessoa amada e perde-se o direito a uma despedida seja nos estertores da vida, seja no momento imediato pós-morte. Cuidados minuciosos dedicados ao corpo do morto, longos e detalhados procedimentos grupais nos velórios assinalam a perda, afirmam a vida vivida e agora encerrada, facilitam a expressão do luto de acordo com os valores partilhados, criam espaço de continência para uma direção de sentido às vidas dos que permanecem. Para estes, o momento de comunhão, de cumplicidade, de compaixão realiza, em parte, a conexão com os outros e marca, por isso, o início do trabalho de luto. A importância de oferecer um tributo digno a quem se foi, através de uma cerimônia compartilhada, é uma via para reintegrar essa pessoa em outro lugar: na memória. Esse momento da despedida final, não deixa dúvida sobre a força simbólica exigida necessariamente na elaboração da perda de pessoas amadas.

Claro, neste momento, a privação dos rituais tal como costumam ser realizados, coloca-se em nome da preservação da vida que segue em meio a essa crise sem precedentes na história do planeta. Mas esse fato, irreduzível e inescapável, entretanto, não me parece suficiente para eliminar as implicações psíquicas dele decorrentes e nem tampouco as implicações sociais. A morte, nessas proporções promovida pelo coronavírus, representa um conflito extremo e não se resolve na objetividade das medidas sanitárias indispensáveis; porém, não está dada a possibilidade de que seja vivida emocionalmente também nos moldes completos dos rituais histórica e culturalmente presentes.

Funerais dão um contorno ao trauma da perda, criam uma passagem transitória para os vivos, oferecem aos que estão privados da presença de alguém amado, um suporte pela pertinência grupal na cultura – cujo respaldo se manifesta justamente por sua previsibilidade (ritualística...) num momento em que a experiência da morte e da perda desorganiza, choca, traumatiza os enlutados.

Nos rescaldos da Covid 19, deconfio que seremos demandados a lidar com lutos crônicos, lutos adiados, fragilizações psíquicas, desorganizações psicossomáticas... Funerais são enquadres universais capazes de atender psíquica e socialmente os que foram atingidos de maneira lancinante pela morte de alguém significativo em suas vidas. Essa pandemia traz consigo também esse impasse com o qual, psicanalistas que somos, assistiremos por um período não desprezível. Rituais fúnebres fazem-nos saber sobre a inquietação provocada pela morte e podem ser entendidos também como a busca de uma continência, em nossas vidas, do que dela escapa.

A capacidade de reinventar maneiras de ritualizar e processar os lutos tem surgido por iniciativas de pequenos grupos da sociedade ou de coletivos profissionais, como é o caso, apenas como exemplos, de dois memoriais virtuais. Um deles – o Projeto Inumeráveis (www.inumeraveis.com.br) – que ao invés de contabilizar mortos, publica histórias, pequenos fragmentos sobre a vida das vítimas letais do coronavírus no Brasil e os dispõe em acesso público; o outro – o Projeto Santinho (www.santinho.org) – formado por duas psicanalistas e um artista ilustrador, se propõe a dar uma nova forma ao “santinho” (uma foto da pessoa falecida, impressa em papel, que antigamente era distribuído aos presentes, como lembrança, no dia da chamada “Missa de 7º dia”). Esse grupo recebe, através de um parente ou amigo enlutado, a imagem de um objeto de uso pessoal bem como alguns dados significativos sobre a pessoa que morreu. Com isso em mãos, criam um Santinho para ajudar na notificação do falecimento e na divulgação de um horário para um encontro virtual entre familiares e amigos os quais, então, ali reunidos, dizem um adeus a quem se foi.

Também é o caso de cerimônias que agregam amigos e parentes para um encontro virtual no qual homenageiam quem partiu. Numa dessas ocasiões ocorreu uma Cerimônia de Encantamento, como foi lindamente denominada, in memoriam de dois artistas brasileiros muito queridos. Essa cerimônia foi aberta a todos que quiseram se juntar para acompanhá-la ao vivo.

Essas formas cuidadosas de um registro de adeus coletivo não exatamente substituem as formas culturalmente instituídas de velar ritualisticamente os mortos e iniciar com isso o processo do trabalho de luto. Mas elas são, hoje, um amparo possível para os vivos obrigados a lidar com o luto sem mediações.